

Homem com H: uma análise discursiva da performatividade de gênero de Jair Bolsonaro no Twitter durante as eleições de 2022

Man with Capital M: a discursive analysis of Jair Bolsonaro's gender performativity on Twitter during the 2022 elections

Hombre con H: un análisis discursivo de la performatividad de género de Jair Bolsonaro en Twitter durante las elecciones de 2022

Dandara Oliveira Lima
Universidade de Brasília (UnB)
Brasil
ORCID: 0000-0003-2899-9250

Liliane Maria Macedo Machado
Universidade de Brasília (UnB)
Brasil
ORCID: 0000-0003-2576-486X

Abstract: This article seeks the effects of meaning in tweets from the personal Twitter account (currently X) of the former President of the Republic of Brazil, Jair Bolsonaro, when he was concerned with his gender performativity, his "role as a man" in the context of the elections of 2022, between July 15th and October 30th. Thus, we seek to understand how the discourse reinforces an anti-gender agenda, through the use of symbols and representations aligned with a hegemonic masculine language. As we demonstrated by recognizing the discursive formations The Messiah, Man with capital M and Wombs of the Nation, this strategy arises both through the reaffirmation of self and through the representation of the masculine and feminine in a strictly binary logic.

Keywords:

French Discourse Analysis, Gender Studies and Feminisms, Twitter

Resumo: Este artigo busca os efeitos de sentido nos tuítes da conta pessoal de Twitter (atualmente X) do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, quando este preocupa-se com sua performatividade de gênero, o seu "papel como homem" no contexto das eleições

de 2022, entre 15 de julho e 30 de outubro. Assim, buscamos compreender como o discurso reforça uma agenda anti-gênero, através do uso de símbolos e representações alinhadas a uma linguagem hegemônica masculina. Como demonstramos ao reconhecer as formações discursivas O Messias, Homem com H e Ventres da Nação, esta estratégia surge tanto pela reafirmação de si, como pela representação do masculino e do feminino em uma lógica estritamente binária.

Palavras-chave:

Análise do Discurso Francesa, Estudos de Gênero e Feminismos, Twitter

Resumen: Este artículo busca los efectos de significado en los tuits de la cuenta personal de Twitter (actualmente X) del ex Presidente de la República, Jair Bolsonaro, cuando se preocupa por su performatividad de género, su "papel de hombre" en el contexto de la Elecciones 2022, entre el 15 de julio y el 30 de octubre. Así, buscamos comprender cómo el discurso refuerza una agenda antigénero, a través del uso de símbolos y representaciones alineadas con un lenguaje masculino hegemónico. Como demostramos al reconocer las formaciones discursivas El Mesías, Hombre con H y Vientres de la Nación, esta estrategia surge tanto a través de la reafirmación de uno mismo como a través de la representación de lo masculino y lo femenino en una lógica estrictamente binaria.

Palabras clave:

Análisis del discurso francés, Estudios de Género y Feminismos, Twitter

1. Introdução

À época em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente, em outubro de 2018, o país atravessava uma instabilidade política após o impeachment da primeira presidenta mulher eleita, Dilma Rousseff, e a prisão do candidato favorito nas pesquisas de intenção de voto, Luiz Inácio Lula da Silva. Ao mesmo tempo, as ideias reacionárias do bolsonarismo encontravam muitos apoiadores e muitas apoiadoras no Legislativo.

Bolsonaro sempre posicionou "abertamente sua misoginia, sua homofobia, sua negrofobia, seu desprezo pelos povos indígenas, sua vontade de vender o Brasil ao melhor

pagador" (Vergés, 2020, p. 29). Posicionamentos que continuariam em voga depois de sua posse. À época e ainda hoje, os dedos apontam para as redes sociais como culpadas por aquele resultado e pelo crescimento do fenômeno político do bolsonarismo.

A centralidade das redes sociais tornou-se estratégia de governo. "Jair Bolsonaro transformou o mundo analógico em um grande estúdio de produção de conteúdo para essas plataformas" (Lago, 2022, p. 52). A imprensa revelou a criação de um "Gabinete do Ódio"¹ dentro do Palácio do Planalto que organizava a atuação de milícias digitais para ataques coordenados a adversários do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Neste contexto, a conta de Twitter² pessoal do ex-mandatário serviu como arena de disputa³. Em média, Bolsonaro tuitava sete vezes por dia⁴, segundo levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

Não raro, do discurso do ex-presidente emergia uma agenda flagrantemente anti-gênero, através do uso de "símbolos e representações alinhadas a uma linguagem hegemônica masculina" (Guazina et al., p. 45, 2021). O "enquadramento moral" nas mensagens do bolsonarismo possibilitou "a revitalização do ativismo religioso na política nacional" (Ibid.) e promoveu "coalizões entre novos e velhos grupos políticos conservadores, reacionários ou extremistas" (Ibid.) que deram sustentação ao projeto político do ex-presidente.

Partimos do pressuposto de que as características da arquitetura do Twitter favorecem a circulação de discurso de ódio, em geral, e de misoginia, em específico - cabe lembrar que Jack Dorsey, antigo-CEO e fundador da Plataforma, relatou ao The New York Times que "pequenas escolhas fizeram usuários e empresas de mídia privilegiarem o sensacionalismo em detrimento da precisão" (Dorsey apud Valente, 2023, p. 166). Em outras palavras, tradicionalmente o usuário no Twitter é incitado a aprender a lógica da plataforma onde prevalece o tom de rivalidade e a busca pela superação dos "concorrentes" (Castro, 2022, p. 96).

¹ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf/> Acesso em: 26 de out. 2023.

² Optamos por utilizar o nome original deste microblog uma vez que os dados analisados neste artigo foram capturados antes da mudança de Twitter para X.

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-faz-do-twitter-seu-palanque-virtual-23572419>. Acesso em: 4 de mai. 2022.

⁴ Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/mais-de-98-dos-tweets-do-presidente-sao-de-interesse-publico> Acesso em: 16 de jul. 2022.

Além disso, a lógica algorítmica desta rede social tende à hemofilia, ou seja, o agrupamento de indivíduos com afinidades entre si (Castro, 2022, p. 97). "Indivíduos com posicionamentos semelhantes se isolam do resto da sociedade e possuem acesso somente a opiniões e informações que reforçam o posicionamento do grupo" (Recuero et al., 2021, p. 4).

O Twitter potencializa o alcance da desinformação (Recuero e Soares, 2021, p. 5) e de narrativas polarizadas tanto em sentido ideológico como também a polarização em que um grupo sente aversão ao outro. Com o Twitter, Jair Bolsonaro se comunica diretamente com o público que mais é interessante para ele, seus eleitores, que são agrupados sem a interferência de intermediários. Trata-se de um laboratório comportamental que impulsionou a naturalização das ideias bolsonaristas.

Buscar e mapear os tuítes de Jair Bolsonaro antes e durante as eleições de 2022 é relevante pois permitirá que avancemos um passo a mais na busca por entender os efeitos de sentido por trás da misoginia do ex-presidente em um contexto de disputa eleitoral. O objetivo principal deste artigo é estudar os efeitos de sentido nos tuítes da conta pessoal de Twitter do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, quando este preocupa-se com sua performatividade de gênero, o seu "papel como homem". Este comportamento surge tanto pela reafirmação de si, como pela representação do masculino e do feminino em uma lógica binária.

Para alcançar este objetivo, o aporte teórico/metodológico será a análise de discurso de vertente francesa, pois ela permite a compreensão sobre o funcionamento da linguagem para além daquilo que é dito, uma vez que entende o discurso a partir da associação entre texto e contexto, entre a linguagem e sua materialidade. Estas reflexões serão associadas à perspectiva foucaultiana sobre formações discursivas e exercício do poder. Como explicam Machado e Moraes (2019), "nos termos foucaultianos, o poder é do tipo disciplinar, que organiza o espaço e controla o tempo. [...] É percebido nas normas e nos constrangimentos do discurso, nos saberes privilegiados e nos processos de validação da verdade que formatam mensagens" (p. 109). Posteriormente, aprofundaremos noções sobre a metodologia utilizada.

Diante do exposto, todas as postagens de Jair Bolsonaro na Plataforma Twitter publicadas durante o período pré-eleitoral e eleitoral de 2022, ou seja, de 15 de julho a 30

de outubro, foram capturadas, mapeadas e analisadas. O corpus foi consolidado através da ferramenta de monitoramento de ocorrências em redes sociais, KnewIn Social, uma plataforma de Inteligência Artificial (IA) onde é possível monitorar palavras chaves ou menções sobre produtos ou personalidades e - naquilo que interessa ao presente artigo - em perfis abertos, como é o caso da conta @jairbolsonaro. No total, a conta @jairbolsonaro publicou 789 tuítes de 15 de julho a 30 de outubro de 2022.

Seguindo a sugestão de Michel Foucault (2006), o discurso foi observado levando em conta a “cultura e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação” (p. 49).

2. Gênero e Patriarcado

Neste artigo buscaremos nos Estudos Feministas e de Gênero maneiras para compreender o que entendemos por "gênero" e como a performatividade de gênero de Jair Bolsonaro pretende manter os sistemas hegemônicos, em especial, o patriarcado. Em uma sociedade como a brasileira, o homem branco pode ser entendido como “aquele que detém o poder e é titular da norma” (Foucault, 2005, pp. 72-73), diferentemente dos "corpos sacrificáveis" (Vergés, 2022, p. 10) - como é o caso das mulheres, dentre outros. Jair Bolsonaro sabe disso e é para este sujeito a que ele se dirige. O indivíduo do bolsonarismo é pensado “a partir de uma imagem eurocêntrica, branca, masculina e heteronormativa” (Lago, 2022, p. 50). Antes de seguirmos, nos parece relevante a conceitualização do que entendemos por "gênero". Afinal, a adoção do termo "gênero" desestabiliza categorias epistemológicas até então fixas, principalmente no interior de cursos de ciências humanas e sociais. O homem branco, “titular da norma” (Foucault, 2005, p. 72), é desafiado na medida em que deixa o lugar de sujeito universal.

A historiadora norte-americana Joan Scott (1986), no artigo "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica", define que gênero é o “elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos” (Scott, 2019, p. 67). Posteriormente, teve início a crítica à ideia de um sujeito universal mulher, que escamoteia as diferenças existentes entre as próprias mulheres, no que se refere à raça, etnia, orientação sexual, entre outras interseccionalidades. Por exemplo, para Teresa de Lauretis (1987) o conceito de "gênero" assume o masculino como ponto de partida e, desta forma, mantém o binarismo

entre homens e mulheres e a existência da mulher como oposição ao homem, ignorando as diferenças entre as próprias mulheres.

Uma vez que aceitamos o conceito fundamental do feminismo de que o pessoal é político, [...] não mais podemos afirmar que existem duas esferas da realidade social: a privada ou doméstica, da família, sexualidade e afetividade; e a esfera pública do trabalho e da produtividade. Invés disso, poderíamos colocar vários conjuntos interrelacionados de relações sociais - relações de trabalho, classe, raça e sexo-gênero [...] Os homens e mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos. (Lauretis, 2019, p. 130)

Destacamos a contribuição da brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), que não cunhou o termo "interseccionalidade", mas já teorizava sobre o tema *avant la lettre* em textos publicados entre 1983 e 1988. A ideia de "amefricanidade" trata justamente da relação interligada entre gênero, raça e classe social, denunciando ainda a força do colonialismo e do imperialismo sobre as experiências de mulheres da "AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e insular)" (Gonzalez, 2019, p. 349). Similarmente, Saffioti e Almeida (1995, p. 9) ressaltam o fato dos sujeitos serem, necessariamente, multifacetados e fruto de várias subjetividades.

Judith Butler (2003), filósofa contemporânea, defende que gênero não é nem “o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (p. 22). Ela reforça a ideia de *performatividade de gênero*, ou seja, "qualquer gênero é uma situação histórica e não um fato natural" (Butler, 2019, p. 215). Esta compreensão, somada a de Saffioti e ao pensamento interseccional, nos parece a mais adequada. Assim, afastamo-nos de qualquer percepção essencialista manifesta na ideia de uma mulher universal ou de uma expressão de gênero fixa e não hierarquizamos o gênero ignorando outras clivagens relevantes às mulheres amefricanas (Gonzalez, 2019).

O gênero é construído na linguagem e através da linguagem e isso aponta caminhos para a análise discursiva dos tuítes de Jair Bolsonaro, durante a pré-campanha e as eleições de 2022, que criam efeitos de sentido anti-gênero ou de supervalorização do masculino. Mais do que apenas utilizar as referências do ex-presidente às mulheres, vamos nos atentar à nomeação do gênero como uma tentativa de regulação das performatividades de gênero. A construção do gênero é histórica e coletiva, sua aceitação e reprodução ocorre em atos individuais e performáticos. Entretanto, a manutenção de mulheres em condições de

opressão não é resultado desses atos individuais e sim das condições sociais dos sistemas hegemônicos como o racismo, a eugenia, o eurocentrismo, o patriarcado e o capitalismo neoliberal. Quando Jair Bolsonaro constrói enunciados que regulam o papel da "mulher", este ato individual - ainda que de um vetor privilegiado - só se sustenta porque há vários sistemas hegemônicos que dão sustentação a ele, em especial (mas não somente), o patriarcado.

Assim como "gênero", o conceito de "patriarcado" sofreu interpelações de diferentes autoras e autores, pelo risco de apresentar um reducionismo a partir da ideia de um "patriarcado universal" - o que ignoraria as diferentes opressões e os sistemas de reação e resistência a que mulheres foram submetidas em diferentes sociedades. "O patriarcado", possui um "caráter e consistência societal" (Aruzza, 2015, p. 35). Aruzza apresenta uma proposta de conceito para os "sistemas patriarcais", fugindo, portanto, da ideia de "patriarcado universal". Segundo ela, é

entendido como um sistema de relações, tanto materiais como culturais, de dominação e exploração de mulheres por homens. Este é um sistema com sua própria lógica, que é ao mesmo tempo maleável a mudanças históricas, em uma relação de continuidade com o capitalismo. (Aruzza, 2015, p. 39)

Assim, compreendemos a validade do conceito de patriarcado não como algo dado e universal, ou necessariamente submetido ao capitalismo ou superior a ele - bem como ao colonialismo -, e não apenas como, no sentido literal do termo, "o regime paterno"; mas como o nome que designa o contrato social-sexual (Pateman, 2020, pp. 15-16) que foi firmado entre homens mas cujo objeto são as mulheres. Entendemos que o "patriarcado" ainda é uma categoria útil por se tratar da desigualdade da relação civil entre homem e mulher, não apenas a relação privada; porque é o patriarcado que

dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres⁵ [...]; configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços sociais; tem uma base material;

⁵ Muitos exemplos no Código Legal brasileiro podem servir, como a Lei da Virgindade que esteve em voga até 2003 e que dava direito ao marido de pedir o divórcio caso constataste que a esposa não era virgem no momento da noite de núpcias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/codigocivil/familia-1.shtml>. Ou, o exemplo mais recente, a obrigatoriedade de autorização formal do cônjuge para que uma mulher solicitasse o procedimento de laqueadura que caiu apenas em 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/08/10/senado-acaba-com-autorizacao-obrigatoria-do-conjuge-para-laqueadura> Acesso em: 25 de jun. 2023.

corporifica-se e representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (Saffioti, 2004, p. 60)

Outros dois conceitos interligados são úteis neste momento, o de discurso de ódio de forma abrangente, e a misoginia, de forma específica. Luiz Valério Trindade sustenta que o

discurso de ódio se caracteriza pelas manifestações de pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou grupo social, em função de características como gênero, orientação sexual, filiação religiosa, raça, lugar de origem ou classe. Tais discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais. (Trindade, 2022, p. 14)

Uma das hipóteses sustentadas por autores consultados (Biroli et al., 2020; Valente, 2023) é que a centralidade do gênero para o discurso de ódio usual à Jair Bolsonaro é uma resposta às conquistas sociais e políticas de determinados grupos e configura-se como um fenômeno transnacional.

No caso do Brasil, após a redemocratização, grupos conservadores deslocaram o discurso anticomunista para o combate às agendas feministas, de pessoas LGBTQIAP+, antirracistas e indígenas. Mariana Valente (2023, p. 71) chama de "choque progressista" o primeiro mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff, quando ocorreu a legalização do relacionamento homoafetivo, a implementação de cotas raciais nas universidades públicas, a permissão para o aborto legal em casos de anencefalia e a proibição de castigos físicos em crianças.

"Ideologia e iniciativas conservadoras tendem a aparecer quando segmentos minoritários que desafiam a ordem estabelecida se fortalecem ao ponto de ameaçar os fundamentos ideais e materiais das instituições" (Biroli et al., 2020, p. 24). Apesar de variadas terminologias - como familismo, fundamentalismo, contramovimento, entre outros -, há dimensões semelhantes na reação destes grupos que buscam uma "ordem sexual e familiar" (Ibid.).

O encontro do conservadorismo com a ideologia neoliberal orientada pelo individualismo configura-se como "uma lógica normativa e disciplinadora" (Biroli et al., 2020, p. 26) que encontra sua máxima quando Jair Bolsonaro atinge o cargo mais alto do Executivo. Para a maioria dos conservadores, "mais do que qualquer coisa, a mulher é o

'ventre da nação'" (Mudde, 2022, p. 163) e àquelas que fogem a este estigma enfrentam a fúria hostil do "império da opinião" (Lago, 2022, p. 52).

Assim como várias das terminologias utilizadas neste trabalho, o conceito de misoginia também é alvo de disputas. Em concordância com Kate Manne (2019, p. 32), citada por Mariana Valente, acreditamos que a ideia de misoginia apenas como "ódio às mulheres" é insuficiente para dar conta do caráter político deste fenômeno. A misoginia é vista aqui como uma característica de um sistema social - notadamente capitalista, patriarcal e colonial - em que a subordinação de mulheres encontra eco na cultura, nos valores e nas instituições. A misoginia também representa a hostilidade que algumas mulheres sofrem por não cumprirem os papéis de gênero patriarcais como mãe, esposa, funcionária dedicada e afável.

3. Procedimentos Metodológicos

Orientadas pela Análise do Discurso de vertente francesa (AD), entendemos que discurso é o "espaço, o lugar ou a instância da linguagem em que emergem as significações, ou ainda, os efeitos de sentido" (Garcia, 2003, p.134). Discurso, portanto, articula texto e contexto, linguagem e materialidade. Seguindo a metodologia da AD buscamos reconhecer o jogo de cena e categorizar as formações discursivas que podem configurar exemplos da performatividade de gênero de Jair Bolsonaro no **Twitter**, então candidato à reeleição em 2022.

Cabe ilustrar que "formação discursiva" é um conceito foucaultiano que trata das regularidades na produção de sentido (Foucault, 2020, p. 43). Em outras palavras, são as "correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas" (2020, p. 42). Na perspectiva de Eni P. Orlandi (2018), a língua deve ser concebida como materialidade, "um lugar das relações de forças e de sentidos" porque é nesta "relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas que se constituem os diferentes efeitos de sentido" (p. 21).

Por sua vez, Maingueneau (2002) propõe que o "sentido se constrói no interior das fronteiras" (p. 81), no interdiscurso, aquilo que é dizível e que exerce um primado sobre o

discurso. Ou seja, o discurso só pode ser produzido se for materializado a partir de um outro já-dito. Por esta razão, a AD

se interessa por funcionamentos discursivos e não é tentada a adotar uma posição definitiva. Ela não pretende reduzir a unidade todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem visa a multiplicar infinitamente e sem hierarquia as relações entre os campos. Em um dado momento, uma formação discursiva é associada a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e *isto faz parte integrante de sua especificidade*. (Maingueneau, 1997, p. 118)

Portanto, a produção de sentidos passa por procedimentos estratégicos, que "buscam captar e direcionar interesses" (Machado e Moraes, 2019, p. 77). Cabe ao analista de discurso reconhecer essas estratégias, "a fim de um processo de significação que extrapole o nível meramente semântico" (Ibid.). O procedimento metodológico da AD submete o discurso a uma análise que contemple a "cultura e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação" (Foucault, 2006, p. 49).

4. Análise Discursiva

Optamos pelo método da Análise de Discurso (AD) francesa, de ordem qualitativa, uma vez que o objetivo geral é reconhecer as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro na construção de efeitos de sentido anti-gênero. Porém, a complexidade do tema e o tamanho do *corpus* levaram-nos a um caminho metodológico que percorreu também uma prévia categorização quantitativa⁶ para que fosse possível o reconhecimento das formações discursivas que orientarão a análise.

Com a captura dos tuítes pela Plataforma **KnewIn**, foi possível perceber, após uma análise geral e categorização manual do *corpus*, considerando os interdiscursos, ou seja, como afirmamos acima, as intercorrências mais significativas registradas na materialidade do que foi escrito e publicado, que Bolsonaro posicionou-se como o defensor da honra das

⁶ O corpus na íntegra pode ser conferido na pesquisa de dissertação "Guardião da Moral, Paladino da Verdade: Estratégias discursivas anti-gênero e anti-imprensa no Twitter de Jair Bolsonaro no período eleitoral e pré-eleitoral de 2022", de Dandara Oliveira Lima, apresentada no dia 18 de dezembro de 2023 e disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/49675> Acesso em: 12 de dez. 2024.

mulheres, da inocência das crianças, da integridade das famílias e, tudo isso, em nome de Deus em mais de 230 tuítes do período entre 15 de julho e 30 de outubro.

Esta defesa moral, ao cabo, produziu efeitos de sentido anti-gênero, os quais agrupamos em três formações distintas, a saber: O Messias; Homem com H e Ventres da Nação, as quais passaremos a analisar.

4.1 Formação Discursiva: O Messias

Em um longo fio de 18 postagens, publicado em 26 de julho de 2022 às 22h55, notamos diferentes características de performatividade de gênero. Chama atenção o primeiro tuíte da série em que o ex-presidente afirma que "somos um só povo, uma só nação. Entre nós não há essa ou aquela cor; não há esse ou aquele sexo; não há essa ou aquela classe social. Entre nós há brasileiros que temem a Deus [...]" (**Imagem 1**).

Para Lago (2022), a ficção bolsonarista busca "reduzir a pluralidade e a imensa diversidade da população brasileira em uma identidade única de povo brasileiro" (p. 62). No caso dos tuítes aqui analisados há uma convergência entre o discurso religioso⁷ e o militar que cumprem uma função coercitiva (Orlandi, 1996, p. 75) principalmente se os interpretamos pela perspectiva de gênero (e de outros marcadores, como raça e classe social).

Uma vez que, para Scott, o gênero é a "forma primária de dar significado às relações de poder" (Scott, 2019, p. 67), o que Jair Bolsonaro faz ao negar aos brasileiros outra identidade além de sua nacionalidade e sua religião é atuar ativamente pela manutenção de sistemas patriarcais (Aruzza, 2015, p. 35) - entre outros sistemas hegemônicos.

⁷ Em dois tuítes publicados em 12 de outubro de 2023, o discurso religioso é ancorado não apenas nas palavras de Jair Bolsonaro, mas também em uma série de depoimentos de lideranças religiosas que associam "os maus" ao aborto e à destruição da família. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1580382691572477955> Acesso em: 15 de out. 2023.

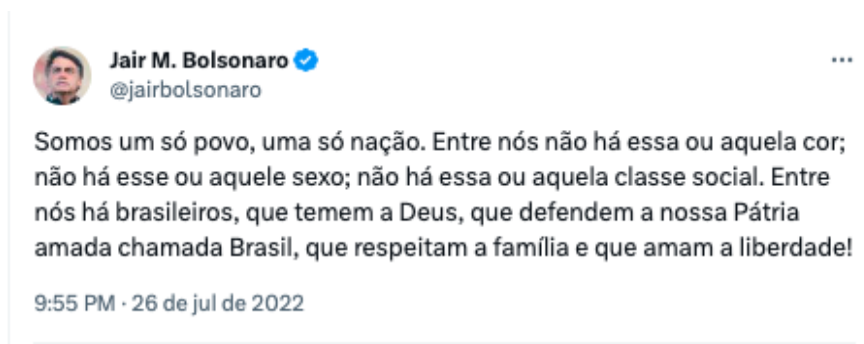


Imagem 1. Tuíte de @jairbolsonaro de 26 de julho de 2022 (Bolsonaro, 2022a).

Em seguida, Jair Bolsonaro cita o versículo bíblico: "todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá" Mateus 12:25 (**Imagem 2**). A citação bíblica evoca um interdiscurso que é compartilhado entre cristãos⁸. Orlandi (2018) explica que as condições de produção de um discurso incluem um contexto imediato e um contexto amplo, onde estão inscritas "história e memória" (p. 30-31). Estas compõem o interdiscurso e a memória discursiva. Ou seja, "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível" (Orlandi, 2018, p. 31).

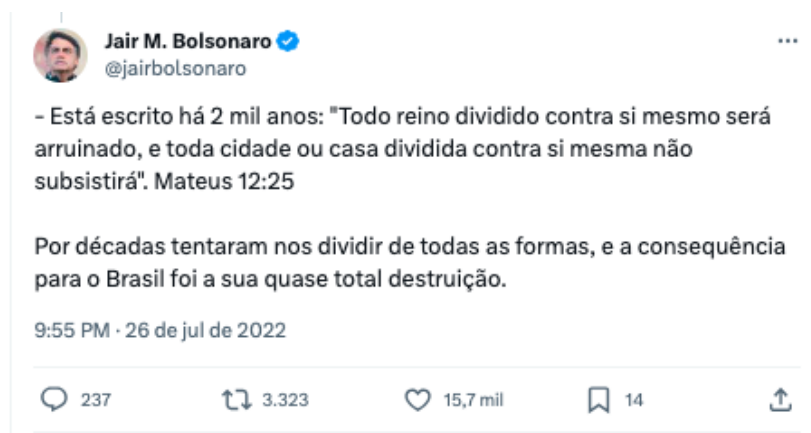


Imagem 2. Tuíte de @jairbolsonaro de 26 de julho de 2022 (Bolsonaro, 2022b).

Se compreendermos, como Miguel Lago (2022), que o indivíduo do bolsonarismo é pensado "a partir de uma imagem eurocêntrica, branca, masculina e heteronormativa" (p.

⁸ Aqui estão incluídos tanto aqueles que professam a fé na Igreja Católica quanto os de matriz evangélica. Segundo o IBGE, o número de evangélicos no Brasil cresceu cerca de 61,5% em dez anos quando comparado aos resultados do Censo 2010. Em 2022, 50% dos brasileiros declararam-se católicos e 31% evangélicos.

50). Ser "um só povo" e *indivisível*, significa concordar com a hegemonia masculina. Esta hegemonia está expressa na linguagem bolsonarista também em comentários de conotação sexual e comportamentos de masculinidade tóxica, ou seja, a masculinidade que “se define em termos de violência, proeza sexual, status e agressividade” (Mudde, 2022, p. 164).

Para a cientista social Raewyn Connell (1995), masculinidades não são fixas e nem universais, são práticas sociais que variam historicamente e culturalmente. Connell (1995) define gênero como “a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (p. 189). A autora apresenta o conceito de “masculinidade hegemônica”, um padrão dominante que sustenta relações de poder tanto entre mulheres e homens quanto entre diferentes grupos de homens. Ou seja, as masculinidades estão constantemente em negociação com o contexto social e político, sendo moldadas e mantidas através de instituições como a família, a escola, o trabalho e os meios de comunicação.

Segundo Forner e Soares (2024), a masculinidade hegemônica tornou-se “a base para a fundamentação dos principais pilares do discurso político da extrema-direita no Brasil” (p. 1), com a defesa da “‘tradicional família brasileira’ como exemplo de discurso sustentador das estruturas androcêntricas e patriarcais”. Assim, a hierarquização gerada pelas diversas masculinidades gera no universo masculino relações de dominação, marginalização e cumplicidade (Connell, 1995). Essas relações, baseiam-se em uma forma dominante de masculinidade hegemônica, que controla o campo das definições do que é ser homem.

Um episódio marcante que exemplifica a ode bolsonarista à masculinidade ocorreu durante o tradicional evento de 7 de setembro de 2022 e que teve repercussão na imprensa⁹ e nas redes sociais¹⁰. Depois de comparar a esposa, Michelle Bolsonaro, com a esposa do então candidato Lula, Janja Lula da Silva, o ex-presidente puxou um coro de vozes e gritou cinco vezes a palavra "imbrochável"¹¹.

⁹ Em tuíte de 8 de setembro de 2023, Jair Bolsonaro ironiza a ironia e agradece ao comentário do âncora da CNN, William Waack. O trecho com a fala descontextualizada de Waack tem apenas 21 segundos: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1567729791800836096> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/broxonaro-os-memes-que-viralizaram-no-7-de-setembro> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹¹ Essa não foi a única ocasião em que Jair Bolsonaro disse que é imbrochável. Em fevereiro de 2020 ele também afirmou o mesmo para jornalistas. Em maio de 2021, foi além, disse que era "imbrochável, imorrível

Chama atenção que o discurso hipersexualizado caminhe lado a lado da defesa de valores reacionários d'O Messias. Em uma das últimas publicações que compõem o *corpus*, feita às 19h14 do dia 29 de outubro de 2022, véspera do segundo turno das eleições, o candidato divulgou uma lista com 22 motivos para o leitor/eleitor votar nele. O número 8 é: "Implementar uma Política Nacional de Fortalecimento dos Laços Familiares, um conjunto de medidas e diretrizes que visam incentivar a criação e preservação das famílias"¹².

Outro exemplo, em tuíte de 14 de agosto de 2022, Dia dos Pais, o ex-presidente publicou um vídeo caseiro com cenas do seu pai comendo. A semelhança física com Jair Bolsonaro é notável. As imagens são comuns do cotidiano, não há diálogos, apenas sons de ambiente. O texto que acompanha a postagem vale uma análise mais atenta (**Imagem 3**).



Imagem 3. Tuíte de @jairbolsonaro de 14 de agosto de 2022 (Bolsonaro, 2022c).

e incomível". Recomendamos a análise do psicanalista Christian Dunker. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586481706739154946> Outro exemplo dessa ideiação do pai e da mãe pode ser encontrado em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1569525523185020929> Acesso em: 15 de out. 2023.

O versículo bíblico citado aqui (Êxodo 20:12) é o quinto entre os 10 Mandamentos que Deus deu a Moisés. São 10 regras, por assim dizer, para que seja possível seguir o caminho de Deus e ter acesso ao Reino dos Céus. Chama atenção que as duas "regras" seguintes (não matarás e não cometerás adultério) digam respeito à violência e à sexualidade. Há uma mobilidade na interpretação destes dois Mandamentos - assim como vimos na análise de Michel Wieviorka (1997) para quem "a violência não é a mesma de um período a outro" (p. 5), o adultério da Bíblia referia-se à castidade (Mateus 5:28, Hebreus 13:4), à toda "imoralidade sexual" (Coríntios 6:9-10) e, em alguns casos, à renúncia a fé (Números 25:1-3; Jeremias 3:6-10; Ezequiel 16:15-59; Oseias 4).

É possível dizer que tais interpretações do sexto e do sétimo Mandamento não são mais as que Jair Bolsonaro aparenta seguir e, talvez, isso ocorra porque o processo de significação é aberto, mas também é administrado e sujeito "à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização" (Orlandi, 1996, p. 52).

Em termos teóricos, isso significa que trabalhamos continuamente a articulação entre estrutura e acontecimento: nem o exatamente fixado, nem a liberdade do ato. Sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, ao estabilizado, ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detém junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. (Orlandi, 1996, p. 53)

Inferimos que o discurso de Jair Bolsonaro "se significa" (*Ibid.*) pela regra e também pela falha, hora em "repetição empírica/efeito papagaio" dos discursos religiosos e reacionários, hora em "repetição formal" e, para os casos que mais o interessam, em "repetição histórica", quando desloca a falha e irrompe o já estabelecido (Orlandi, 1996, p. 54).

4.2 Formação Discursiva: Homem com H¹³

A força do pai como figura que impõe a ordem também reverbera nas maneiras com que Jair Bolsonaro performa o seu gênero de Homem. Nós constantemente "fazemos o gênero em determinadas temporalidades sociais" (Hollanda, 2019, p. 12) e os corpos só se tornam inteligíveis "no âmbito da cultura e da linguagem" (Louro, 1997, p. 209).

¹³ Nomeamos este tópico em referência à música de mesmo nome, de autoria de Antônio Barros e que ficou famosa na voz de Ney Matogrosso. Confira a música aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=Kw-6mm6Uu7c> Acesso em: 15 de out. 2023.

Em tuíte de 26 de agosto de 2022 (**Imagem 4**), o ex-presidente publicou o trecho de uma entrevista com Rodrigo Constantino na Jovem Pan em que dá pistas sobre como desenvolveu a sua masculinidade.



Imagem 4. Tuíte de 26 de agosto de 2022 em que Jair Bolsonaro cita exemplos de como era sua relação com o pai (Bolsonaro, 2022d).

Descrição do vídeo:

O vídeo tem a duração de 1 minuto e 21 segundos e começa com a pergunta de Rodrigo Constantino (RC). O jornalista está vestido com a camisa verde e amarela.

RC: "Tem uma certa aversão à sua candidatura por questões muito mais estéticas. Não gostaram da sua postura ou de alguns comentários que tiraram de contexto".

Corte de edição seco.

RC: "Então, o senhor acha que poderia ter sido um comunicador melhor?"

JB: "Eu não sou comunicador. Eu sou um cara meio tosco, pô! Eu não vou negar pra você isso aí. Não dá pra mudar".

RC, interrompendo e sorrindo: "Somos todos".

JB: "Eu lembro do meu pai, por exemplo. Meu pai católico. Minha mãe católica. A molecada botou umas mesas assim em casa junto com os vizinhos. Igual esse aqui. Daí começamos a andar de quatro, imitando o carro. Meu pai chegou e, o braço forte e a mão pesada, *plaf!* Porradão. 'Aí é onde se come o pão e se vela o corpo. Respeito com a mesa'. É esse o tipo de educação que eu

tive e eu não acho que ele estava errado não. Deu certo".

Corte de edição seco.

JB: "Eu passei em um concurso para a Academia Militar Agulhas Negras. Cheguei em 74 lá e na primeira aula de geometria descritiva, o professor botou uma linha assim com dois traços embaixo [*desenha uma linha imaginária com a mão*]. 'É uma linha de terra'. Que *porra* é essa? Eu não sabia descritiva. Eu pedi uma autorização, o capitão lá quebrou meu galho, eu cheguei em casa: 'Pai, eu não vou para a academia. Eu vou ficar estudando mais aqui mesmo porque eu vou ser reprovado em descritiva'. Ele olhou pra minha cara: 'Cometão amanhã no Petropen, lá perto de Registro, vai voltar e vai passar de ano'. Acabou o papo. Voltei e fui um dos melhores alunos de descritiva na Academia Militar dos Agulhas Negras. É uma educação diferente. Não adianta você ensinar seu filho a ser um covardão".

A performatividade de gênero de Jair Bolsonaro está, portanto, descrita por ele mesmo como: um homem tosco, que utiliza da violência como forma de disciplina, que respeita a religião, a hierarquia e que rejeita a possibilidade de ser um covarde ou, nas palavras dele, "um covardão". Essas características foram reforçadas por imagens que remetem a força e a virilidade (**Imagem 5**), como um Jair Bolsonaro musculoso e que anda com fisiculturistas (**Imagem 6**), que faz motocicletas (**Imagem 7**), que monta em cavalos tal qual um *cowboy* moderno (**Imagem 8**) - em referência à fantasia mítica dos reacionários

norte-americanos (Cassimiro e Lynch, 2022, p. 74) - e que se autointitula, como vimos, um "imbrochável".

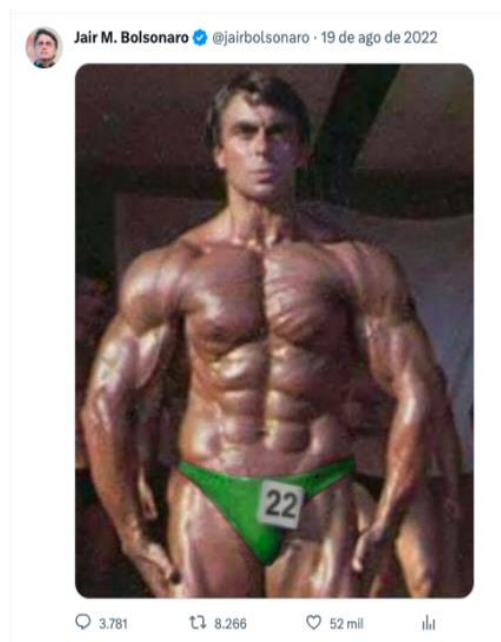


Imagem 5. Tuíte de 19 de agosto de 2022 que reforça a performatividade de gênero (Bolsonaro, 2022e).



Imagem 6. Tuíte de 26 de agosto de 2022 que reforça a performatividade de gênero (Bolsonaro, 2022f).



Imagem 7. Tuíte de 18 de agosto de 2022 que reforça a performatividade de gênero (Bolsonaro, 2022g).



Imagem 8. Tuíte de 27 de agosto de 2022 que reforça a performatividade de gênero (Bolsonaro, 2022h).

Não é casual o fato de que as imagens de um Bolsonaro viril e potente, sejam sobrepostas à linguagem chula que utiliza para descrever a si próprio de forma reiterada. A

cena enunciativa, noção utilizada por Maingueneau (2002) para referir-se à maneira como o discurso constroi "uma representação de sua própria situação de enunciação" (p. 20), em resumo, uma ação, dialoga com um imaginário sobre a noção de masculinidade atrelada ao poder, à invencibilidade. Concomitantemente, o ex-presidente atua ativamente para a desqualificação de pessoas LGBTQIAPN e de mulheres.

Ao promover uma linguagem baseada na ansiedade sexual provocada pelas ameaças à masculinidade patriarcal e à família tradicional, ou seja, ao dever do homem de agir de acordo com o que a sociedade espera dele, estabelece-se uma regularidade enunciativa que constitui uma formação discursiva [...]. [*O discurso*] adquire um papel estratégico de dominação e luta na conjuntura social. Nesse contexto, os homens, já preocupados com a percepção da perda de status resultante do aumento da igualdade de gênero, podem facilmente entrar em pânico por conta de discursos demagógicos dirigidos contra as minorias sociais. (Forner e Soares, p. 6, 2024)

Um exemplo é o fio de Twitter publicado ainda na pré-campanha, em 2 de agosto de 2023 (**Imagens 9 a 11**), em que critica o uso da linguagem neutra, entre aspas, pelo Governo argentino. O contexto argentino importa para esta análise já que o debate sobre a "linguagem neutra" tornou-se um palco privilegiado para a guerra cultural da metapolítica olavista (Cassimiro e Lynch, 2022, p. 77) na América Latina e em alguns países europeus¹⁴.

No dia 22 de julho de 2022, a cidade de Buenos Aires, capital do país, proibiu os professores e as professoras de usarem palavras de gênero neutro durante as aulas afirmando que isto viola as regras do espanhol¹⁵. Poucos dias depois, em 28 de julho de 2022, o Ministério de Obras Públicas da Argentina publicou uma Resolução no Diário Oficial informando que passaria a usar oficialmente a linguagem e a comunicação não sexista nos documentos, registros e atos administrativos¹⁶. É sobre isso que Jair Bolsonaro comentou nos tuítes a seguir.

¹⁴ Menine, meninx ou menin@: os países onde linguagem neutra enfrenta resistência. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62025281>. Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁵ Saiba mais acessando: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/03/bolsonaro-ironiza-uso-de-linguagem-neutra-na-argentina-agora-ha-pobreze.htm> Acesso em: 15 de out. 2023.



Imagens 9, 10 e 11. Fio de Tuíte de 2 de agosto de 2022 sobre linguagem neutra que reforçam a performatividade masculinista (Bolsonaro, 2022i, 2022j, 2022k).

O ex-presidente inicia o texto já utilizando de discurso desinformativo. Ele afirma que a Argentina oficializou o uso da linguagem neutra - e não que trata-se de uma Resolução de um único Ministério. Em seguida, utilizou do artifício da ironia com objetivo de ridicularização (Maingueneau, 1997, p. 100) ao utilizar o gênero neutro para palavras como "desabastecimento", "pobreze" e "desempregue". O enunciado evoca a Deus para que Ele proteja os "irmãos argentinos" (**Imagem 9**) e afirma, categoricamente, que o uso de linguagem neutra representa a destruição dos "símbolos nacionais", da "cultura" e das

"tradições" (**Imagem 10**) - uma clara associação entre as FDs "O Messias" e "Homem com H".

Para a AD francesa, a linguagem é movimento e "os sistemas de poder têm por objetivo a normatização" (Machado e Moraes, 2019, p. 108). O discurso exerce a disciplina e hierarquiza segundo as oposições de "proibido/permitido, adequado/inadequado, conveniente/inconveniente" (Ibid.). Entendemos, portanto, que a defesa da convenção da língua em nome da "tradição" busca a conformação de grupos minorizados - como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ - justamente por sentirem que a ordem estabelecida está sob ameaça (Biroli et al., 2020, p. 24). Neste sentido, a última FD aqui analisada busca amenizar esta ameaça.

4.3 Formação Discursiva: Ventres da Nação

Além do componente religioso e da performatividade de gênero masculinista, um terceiro traço do discurso bolsonarista está relacionado diretamente à forma como ele se refere às mulheres enquanto grupo social.

Segundo Cass Mudde (2022), políticos como Jair Bolsonaro têm em comum a percepção de que, "mais do que qualquer coisa, a mulher é o 'ventre da nação'" (Mudde, 2022, p. 163). Por isso, eles buscam uma "ordem sexual e familiar" (Biroli et al., 2020, p. 24) que é "exclusivamente heterossexual" (Ibid., p. 25) para que o ato sexual seja realizado apenas para fins reprodutivos.

Já Joan Scott (2019) explica que as teóricas que se debruçaram sobre a explicação da noção de patriarcado utilizavam os "meios de reprodução da espécie" (p. 56) como explicação para a "necessidade" que os homens sentem de subordinar mulheres. Percebemos que o discurso de Jair Bolsonaro opera para o fortalecimento de um sistema patriarcal (Aruzza, 2015, p. 39) em que o aborto está sempre relacionado com outros temas que referem-se à outros sistemas que produzem desigualdades¹⁷.

¹⁷ Há muitos exemplos que sustentam essa afirmação. No primeiro dia de campanha, 16 de agosto de 2022, o ex-presidente utilizou do mesmo artifício. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550052477042689>. No dia seguinte, 17 de agosto de 2022, Jair Bolsonaro afirmou que o aborto e as drogas são "as pautas mais íntimas" do Partido dos Trabalhadores. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550052477042689>. No segundo turno, o termo "aborto" é utilizado de forma associada a outros temas reacionários em tuítes publicados nos dias 6, 7, 12, 16, 19, 21, 24 e na véspera do segundo turno, dia 29 de outubro de 2022. Acesso em: 13 de out. 2023.

Por exemplo, em fio de Twitter publicado na véspera do primeiro turno, às 00h04 do dia 2 de outubro de 2022 (**Imagens 12 a 14**), Jair Bolsonaro diz que, aqueles que escolherem o “seu caminho” escolherão “a defesa da liberdade e da propriedade privada, o direito à legítima defesa, o combate às drogas e à violência, à proteção da vida desde a concepção”, entre outros.



Imagens 12, 13 e 14: Fio de Tuíte de 2 de outubro de 2022 sobre “caminhos opostos” em que Jair Bolsonaro posiciona-se como a favor de sistemas que reproduzem desigualdades (Bolsonaro, 2022l).

Notamos na prática a "política do silêncio" (Orlandi, 2018, p. 29) pelo silêncio constitutivo, "que nos indica que para dizer é preciso não dizer" (Ibid. p. 24). Em outras palavras, o não-dito pelo ex-presidente é que ele apoia a concentração de renda e de bens e

que é contra a reforma agrária. Mas, para não dizer isso, ele diz que apoia a "defesa da propriedade privada". Ele apoia o armamento de civis - que cresceu 7x¹⁸ durante os quatro anos de seu mandato -, mas chama isso de "legítima defesa". Ele apoia a política de guerra às drogas - que tira a vida de jovens negros nas periferias brasileiras¹⁹ - e apoia a criminalização de mulheres que buscam seus direitos reprodutivos até mesmo em casos de estupro - mas chama isso de proteção da vida desde a concepção²⁰.

Cabe notar que os temas de valores reacionários, em que o aborto figura como o mais recorrente, cresceram sobremaneira na comparação entre os três períodos - pré-eleitoral, primeiro turno e segundo turno. Quanto mais se aproximava o dia derradeiro do segundo turno, dia 30 de outubro de 2022, mais Jair Bolsonaro recorria à defesa de valores conservadores.

Assim, para finalizar a análise da FD Ventres da Nação, analisaremos agora algumas ocorrências em que o ex-presidente utiliza o aborto como um chafariz para jorrar outras pautas reacionárias. Na **Imagem 15**, chama atenção como é atribuído ao Partido dos Trabalhadores todas as pautas reacionárias que vimos nas **Imagens 12 a 14**.



Imagem 15: Tuíte de 4 de agosto de 2022 com o uso de paráfrase (Bolsonaro, 2022m).

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/22/numero-de-brasileiros-com-autorizacao-para-ter-arma-aumenta-7-vezes-durante-mandato-de-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁹ Para saber mais sobre este tema, recomendamos a leitura de CIRILLO, SERRA e SOUZA, "Guerra às drogas no Brasil contemporâneo: proibicionismo, punitivismo e militarização da segurança", publicado na Revista Teoria e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 2 Julho. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/29332/21543> Acesso em: 12 de jan. 2023.

²⁰ Está em discussão no Congresso Nacional um Projeto de Lei que ficou conhecido como Estatuto do Nascituro. Ele reconhece direitos fundamentais e de personalidade ao nascituro, entendendo-o como um "ser humano não nascido". Desta forma, o Estatuto cria uma prevalência do embrião sobre a mulher. É sobre esta memória discursiva que Bolsonaro suscita ao afirmar que é a favor da vida desde a concepção: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2270201> Acesso em: 20 de out. 2023.

O objetivo é retomar a memória discursiva do seu público leitor/eleitor, (re)suscitando tudo o que já se disse sobre aborto, sobre criminalidade (drogas, desencarceramento, ladrões de celular) e sobre ditaduras para que estes temas signifiquem juntos.

Neste enunciado, Jair Bolsonaro faz um uso de intertexto, a relação de um texto com outros textos (Orlandi, 2005, p. 34), e de paráfrase, que é "o retorno aos mesmos espaços do dizer" (Orlandi, 2005, p. 36). Assim como as **Imagens 12 a 14**, notamos "diferentes formulações do mesmo dizer" (p. 36). Em resumo, o então candidato Lula, o Partido dos Trabalhadores e a esquerda representam um risco para as famílias e as crianças²¹.

5. Considerações Finais

Com o objetivo de compreender os efeitos de sentido nos tuítes da conta pessoal de Twitter do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, quando este vale-se de uma estratégia narrativa focada em performatividade de gênero, buscamos pela análise de discurso de vertente francesa a compreensão do fenômeno conforme ele se manifestou durante o período sensível das eleições e pré-eleições de 2022. O Twitter, por suas características, é uma rede social propensa a discursos simplistas (Castro, 2022; Recuero et al., 2021; Trindade, 2022; Valente, 2023) e o bolsonarismo se fortalece com isso.

A centralidade do debate sobre gênero no discurso de Jair Bolsonaro tanto apropriase de uma lógica binária, responsável por manter mulheres, por sua condição biológica, como aquelas responsáveis pelos afazeres da casa e o cuidado com a família (Bandeira, 2014; Aruzza, 2015; Butler, 2003) como também mantêm os homens, "titulares da norma", como os protagonistas do debate público (Foucault, 2021; Guazina et al., 2021). Ao mesmo tempo, mantêm unidos ao redor de sua candidatura os diversos grupos políticos reacionários que o alçaram ao poder em 2018 (Biroli et al., 2020; Valente, 2023).

Jair Messias Bolsonaro, no decorrer da pré-campanha eleitoral e da campanha de 2022, performou o gênero masculino colocando-se como um exemplar típico do mesmo.

²¹ Notamos que a defesa das crianças, das famílias e da vida desde a concepção são centrais para a agenda bolsonarista. Por esta razão, o episódio envolvendo o ex-presidente e as meninas venezuelanas obrigou a equipe de Jair Bolsonaro a construir contranarrativas para dar sustento a sua figura de "O Messias". Saiba mais sobre o tema em: <https://bbc.in/3XCoGQJ> Acesso em: 12 de jan. 2023.

Num trocadilho com seu sobrenome, observamos na primeira formação discursiva, O Messias, o uso de valores da religião cristã bem como do militarismo para expressar sua aversão às discussões e iniciativas que promovam a diversidade e a inclusão de grupos que não têm seus direitos plenamente garantidos. Tuítes publicados entre julho e outubro de 2022 negam as diferenças de classe, raça e gênero, ao mesmo tempo que promovem a ideia de que somos uma só nação e um só povo, gerido por Deus. A nação de Bolsonaro é aquela que valoriza o homem branco, hétero, de atitudes patriarcais. O seu Deus é cristão, tem na Bíblia, utilizada, muitas vezes, de forma distorcida, o ideário do que é ser um cidadão de bem. Promove a masculinidade hegemônica patriarcal, a qual, entre outras características, valoriza o homem imbrochável e temente ao Deus cristão.

Na segunda FD, Homem com H, Bolsonaro dá continuidade à sua performatividade de gênero, ao eleger o pai como figura paradigmática de sua vida, ainda que, muitas vezes, como conta o próprio ex-presidente, ele fosse violento e autoritário. Também apresenta-se como um homem viril, que monta um cavalo bravo, que dirige motocicletas Brasil afora, seguido por uma turba de motoqueiros que o idolatram. O arcabouço teórico/metodológico dos estudos feministas e de gênero bem como da Análise de Discurso, nos permitiram observar como tais valores e atitudes partem de um discurso pré-construído, exaustivamente discutido por autoras como Scott, Butler, Louro que explicam como as diferenças de gêneros são construídas, negando o binarismo, o biologismo ou a religião, que tentam provar que as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens.

Nessa mesma FD, Bolsonaro fará chacotas sobre a linguagem inclusiva, alertando, ao mesmo tempo, para as consequências danosas que disso advém, que na sua opinião, são uma nação desunida e em perigo moral.

Por fim, na terceira FD, Ventres da Nação, Bolsonaro expressa sua contrariedade à pautas como a legalização do aborto e, mesmo à possibilidade de abortamento conforme prediz a legislação brasileira, em casos de anencefalia, estupro, e risco de vida para as mulheres. O então candidato é peremptório ao dizer que defende a vida desde sua concepção. Dessa forma, silencia sobre as violências cometidas contra as mulheres, tais como o estupro que pode resultar em gravidez indesejada. Nega o direito ao aborto, associa o seu oponente no segundo turno, Luiz Inácio da Silva Lula e o Partido dos Trabalhadores,

a inimigos da pátria, da infância e da família, visto que defendem o que Bolsonaro despreza e criminaliza.

6. Referências Bibliográficas

- Alegretti, L., & Idoeta, P. A. (2022). “Pintou um clima”: como a fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercutiu no WhatsApp. *BBC Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63345188>
- Aruzza, C. (2015). Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, 23. https://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Aruzza.pdf
- Bandeira, L. (2014). Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2). <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>
- Barros, D. M. (2022, setembro 7). “Broxonaro”: os memes que viralizaram no 7 de setembro. *Veja*. <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/broxonaro-os-memes-que-viralizaram-no-7-de-setembro>
- BBC Brasil. (2022, julho 6). Menine, meninx ou menin@: os países onde a linguagem neutra enfrenta resistência. *BBC Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62025281>
- Biroli, F., Machado, M., & Vaggione, J. (2020). *Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: disputas e retrocessos na América Latina* (1ª ed). UBU Editora.
- Bolsonaro, J. M. [@jairbolsonaro]. (2022a, julho 26). *Somos um só povo, uma só nação. Entre nós não há essa ou aquela cor; não há esse ou aquele* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1552095192035086336>
- Bolsonaro, J. M. [@jairbolsonaro]. (2022b, julho 26). *Está escrito há 2 mil anos: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1552095194253852677>
- Bolsonaro, J. M. [@jairbolsonaro]. (2022c, julho 26). *Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1558988652193218566>
- Bolsonaro, J. M. [@jairbolsonaro]. (2022d, julho 26). *Existem aqueles que vivem de aparências e aqueles que são imperfeitos, mas que buscam fazer o que é certo e* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1563328742423793665>
- Bolsonaro, J. M. [@jairbolsonaro]. (2022e, agosto 19). [Imagem no X]. X. <https://x.com/jairbolsonaro/status/1560589356548636672>

- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022f, agosto 26). *Obrigado também aos que acompanharam nossa ida à Academia Ironberg em São Caetano do Sul. Oportunidade de aprendizado sobre o* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1563304345768054785>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022g, agosto 18). *Visita ao Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP e cidade. (18/08/2022)* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1560289705987641344>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022h, agosto 26). *Festa do Peão de Boiadeiro, 26/08/2022. MUITO OBRIGADO BARRETOS!* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1563367721416683527>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022i, agosto 2). *Lamento a oficialização do uso da "linguagem neutra" pela Argentina. No que isso ajuda o seu povo? A única mudança* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1554650786260475906>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022j, agosto 2). *No Brasil, a esquerda também parece obcecada em destruir nossos símbolos nacionais. Na verdade, essa é apenas mais uma forma* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1554650787757916161>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022k, agosto 2). *Boa sorte a quem acredita que essas são as pautas mais importantes para um povo. Meu compromisso é o de* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1554650789141954561>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022l, outubro 1). *O que está em jogo são caminhos claramente opostos e muito bem definidos. De um lado, o socialismo, a liberação* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1576407738149933061>
- Bolsonaro, J. M. [@jaibolsonaro]. (2022m, agosto 4). *Soube que o PT agora reza o Pai Nosso e usa bandeiras do Brasil em seus eventos. É um bom* [Postagem no X]. X. <https://x.com/jaibolsonaro/status/1555376931058622464>
- Butler, J. (2019). Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista (1998). In: H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo. (Originally published in 1998).
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Originally published in 1990).
- Câmara dos Deputados. (n.d.). *Projeto de Lei nº 434/2021: Ficha de tramitação*. Câmara dos Deputados. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2270201> Access on: Oct. 20, 2023.
- Castro, J. C. L. (2022). Plataformas algorítmicas e economia da desinformação. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)*, 18. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e77485>
- Cassimiro, P. H. & Lynch, C. (2022). *O Populismo Reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. Editora Contracorrente.

- Cirillo, F. R., Serra, C. H. A., & Souza, L. A. F. d. (2020). Guerra às drogas no Brasil contemporâneo: Proibicionismo, punitivismo e militarização da segurança. *Revista Teoria e Cultura*, 15(2), 92-103. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/29332/21543>
- Christian, H. (2022, agosto 10). Senado acaba com autorização obrigatória do cônjuge para laqueadura. *Rádio Senado*. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/08/10/senado-acaba-com-autorizacao-obrigatoria-do-conjuge-para-laqueadura>
- Connell, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>
- English Standard Version Bible. (2001). *ESV Bible*. Crossway. <https://www.esv.org/>
- Estadão. (2022, fevereiro 11). Bolsonaro e o 'gabinete do ódio': entenda as investigações da PF. *O Estado de São Paulo*. <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf/>
- Folha de São Paulo. (2003). Virgindade não é mais requisito para a anulação de casamento. *Folha de SP*. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/codigocivil/familia-1.shtml>
- Forner, O. M. C., & Soares, J. B. (2024). O papel da masculinidade hegemônica no discurso político da extrema direita: um estudo do propósito comunicativo da família defendida por Jair Bolsonaro. *Intexto*, 56. DOI: 10.19132/1807-8583.56.132842.
- Foucault, M. (2021). *A história da sexualidade I: a vontade de saber* (11. Ed). Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020). *A Arqueologia do Saber* (8. Ed). Editora Forense.
- Foucault, M. (2014) *A Coragem da Verdade*. Editora Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *A Ordem do Discurso* (24. Ed). Editora Loyola.
- Foucault, M. (2006). *Estratégia, Poder-Saber*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2005). *Em Defesa da Sociedade*. Editora Martins Fontes.
- Gabriel, R. S., & Libório, B. (2019). Bolsonaro faz do Twitter seu palanque virtual. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-faz-do-twitter-seu-palanque-virtual-23572419>
- Garcia, T. M. (2003). A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. *Working Papers em Linguística: UFSC*, 7, 121-140. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6171>
- Gonzalez, L. A. (2019). A categoria político-cultural da amefricanidade. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais* (pp. 1-440). Bazar do Tempo. (Originally published in 1988).
- Guazina, L., Leite, G., & Santos, E. (2021). A normalização da agenda anti-gênero de Jair Bolsonaro. *Sur le journalisme*, 1, 44-61. <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/438>
- Hollanda, H. B. (2019). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.

- Ito, D. (2022, outubro 30). Com pequeno avanço, aumenta o número de mulheres eleitas. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2022-10/com-pequeno-avanco-aumenta-o-numero-de-mulheres-eleitas>
- Lago, F. (2022). Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In *Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise* (E-book Kindle, 1ª ed). Companhia das Letras.
- Lankes, A. (2023, julho 22). Buenos Aires proíbe linguagem de gênero neutro em escolas. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml>
- Lauretis, T. de. (2019). A tecnologia do gênero. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais* (pp. 121-155). Bazar do Tempo. (Originally published in 1987).
- Lima, D. (2023). *Guardião da moral, paladino da verdade: Estratégias discursivas anti-gênero e anti-imprensa no Twitter de Jair Bolsonaro no período eleitoral e pré-eleitoral de 2022* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Universidade de Brasília.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Machado, L. M. M. & Moraes, A. T. de. (2019). *Comunicação e discursividade: teoria e dispositivos analíticos da AD*. Editora FAC/UnB, Kelps.
- Matogrosso, N. (2018, novembro 1). *Homem Com H (Ao Vivo)* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Kw-6mm6Uu7c> 21 de out. 2023.
- Maingueneau, D. (2002). *Análise de Textos de Comunicação*. (2ª ed.) SP: Editora Cortez.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso* (3ª ed.). Editora Pontes.
- Manne, K. (2019). *Down Girl: The logic of misogyny*. Londres: Penguin.
- Mudde, C. (2022). *A extrema direita hoje* (1ª ed.). EDUERJ.
- Orlandi, E. P. (2018). *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos* (6ª ed.). Editora Unicamp.
- Orlandi, E. P. (2005). *Análise de Discurso: Princípios & procedimentos* (6ª ed.). Pontes.
- Orlandi, E. P. (1996). *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Vozes.
- Pateman, C. (2020). *O Contrato Sexual*. Paz e Terra.
- Recuero, R., & Soares, F. (2021). O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. *Revista E-Compós*, 24. <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>
- Recuero, R., Soares, F., & Zago, G. (2021). Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: Como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, 40(1).
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Editora Fundação Perseu Abramo.
- Saffioti, H. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In *Dossiê: Feminismo em Questão, Questões do Feminismo. Cadernos Pagu*, 16, 115-136. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007> Acesso em 21 de out. 2023.

- Saffioti, H. I. B., & Almeida, S. S. (1995). *Violência de gênero: Poder e impotência*. Livraria e Editora Revinter.
- Scott, J. (2019). Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais* (pp. 49-82). Bazar do Tempo. (Obra original publicada em 1986).
- Stabile, A. (2023, janeiro 22). Número de brasileiros com autorização para ter arma aumenta 7 vezes durante mandato de Bolsonaro. *GI*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/22/numero-de-brasileiros-com-autorizacao-para-ter-arma-aumenta-7-vezes-durante-mandato-de-bolsonaro.ghtml>
- Senra, R. (2022, setembro 7). Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. *BBC Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>
- Starling, H. M. (2022). Brasil, país do passado. In *Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise* (E-book Kindle, 1ª ed). Companhia das Letras.
- Teixeira, P. (2021, setembro 27). Mais de 98% dos tweets do presidente são de interesse público. *ABRAJI*. <https://abraji.org.br/noticias/mais-de-98-dos-tweets-do-presidente-sao-de-interesse-publico>
- Trindade, V. L. (2022). *Discurso de ódio nas redes sociais*. Editora Jundiáira.
- UOL. (2022, agosto 3). Bolsonaro ironiza uso de linguagem neutra na Argentina: 'Agora há pobreza'. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/03/bolsonaro-ironiza-uso-de-linguagem-neutra-na-argentina-agora-ha-pobreza.htm>
- Wieviorka, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Revista Tempo Social*, 9(1), 5-41. <https://www.scielo.br/j/ts/a/S4WmjGyW3Bqxd7Y6GYcPVhN/abstract/?lang=pt>
- Valente, M. (2023). *Misoginia na Internet: uma década de disputa por direitos* (1ª Ed.). Editora Fósforo.
- Vergés, F. (2022). *Uma teoria feminista da violência: Por uma política antirracista da proteção*. UBU Editora.
- Vergés, F. (2020). *Um feminismo decolonial*. UBU Editora.